

Capítulo Um

GABRIEL

É uma chatice ser a concha maior. Não me interpretem mal, é bom ter o Sal enroscado em mim. O calor que irradia do seu corpo tem o condão de acalmar. O coração palpita-me no peito, mas sinto o batimento cardíaco abrandar.

Respirar é um pouco desconfortável, ainda assim. Primeiro, o seu cabelo louro ligeiramente desgrenhado entra-me na boca. Em segundo lugar, é como se conseguisse ver o meu hálito quente à volta do seu pescoço — será desconfortável para ele? Quão fresco *está* o meu hálito, ao certo? E como é que o Sal não se preocupa com tudo isto quando os nossos papéis estão invertidos?

Mentalmente, o meu corpo fica suspenso numa espécie de estado leve e pacífico. Fisicamente, *transpiro*. Pontapeámos os cobertores para trás, mas nem o ar condicionado sempre a funcionar em que a mãe dele insiste combate esta vaga de calor. Tenho o braço esquerdo dormente, e não sei bem onde pôr o outro. Agora mesmo, está enrolado de maneira um tanto desajeitada à volta dele, subindo e descendo ao ritmo da respiração. Sempre que mexo o corpo, a minha pele separa-se ligeiramente da dele. Por norma, neste momento eu desistiria e virar-me-ia para o outro lado, mas se for a última vez...

Não posso pensar nisso. Por isso penso nele.

Parece confortável e seguro nos meus braços, na sua cama, em sua casa. A sua confiança reivindica a posse de tudo o que está na sua esfera, e às vezes sinto-me puxado para aí, embora nada haja entre nós, real ou oficial.

A forma como encosta suavemente as suas ancas às minhas e arqueia o pescoço para trás lembra-me de que é ele quem controla a situação, mesmo sendo a concha mais pequena.

Encosto a boca ao seu pescoço e dou-lhe uma dentadinha brincalhona. Ele ri-se e afasta a cabeça da minha.

Às vezes, sabe bem lembrar-lhe de que, de entre todas as coisas que lhe pertencem, eu não sou uma delas.

— O que se passa? — pergunta o Sal, virando-se para me olhar nos olhos. As nossas testas tocam-se e um sorriso repuxa-me os lábios. A minha respiração alonga-se, torna-se mais suave. — Estás rígido hoje.

Arqueio uma sobrancelha, o que o leva a dizer:

— Arre!... não dessa maneira. Mas falo a sério. Estás preocupado? — pergunta. — Por causa deste verão?

— Estou preocupado com muita coisa — admito. Mas não é preciso saber ler a mente para perceber o que está no topo da lista. — Não me interpretes mal, estou entusiasmado por fazer voluntariado com eles. Vai ficar fantástico no meu registo. E vou ajudar a salvar as árvores, o que é fixe.

O Sal puxa-me para um beijo.

— Estás com medo de não aguentares com saudades minhas?

— Certo — respondo, com uma risada. Por mais que adore esta coisa que temos há anos, não o amo dessa maneira. — Provavelmente, vai fazer-nos bem um tempinho longe um do outro, seja como for. Dar-me-á a oportunidade de encontrar um rapaz que não considere os resumos da C-SPAN¹ conversa de almofada.

— Ah!... Estou a ver. Queres material do bom. — Chega-se para mais perto de mim e os arrepios sobem-me pelas costas, instalando-se

¹ Canal de televisão por cabo dedicado sobretudo à transmissão dos procedimentos do Governo nos Estados Unidos e a outros programas de cariz político. (N. da T.)

desconfortavelmente nos meus ombros. — Não me faças usar a minha arma secreta.

— Oh, meu Deus, não! — grito, empurrando-o e mal contendo uma gargalhada. Mas ele inclina-se para mim. A sua voz reduz-se a um sussurro e a sua respiração ao meu ouvido causa-me arrepios. Puxo o cobertor para cima, apesar do calor. — *Où se trouve la station de métro la plus proche?*

O meu coração cai-me ao estômago, e odeio-me por ser tão básico. Quer dizer, ele está a dizer disparates que aprendeu na aula de Francês III, eu bem sei. Mas. Di-lo de forma tão direta, ousada, que quase me vejo apaixonar-me por ele a sério.

— *Meu Deus*, porque não lhe escolhi francês? — pergunto. — Que raio estás a dizer? Nem faço ideia...

— Oh, sabes como é, coisas românticas. — Pigarreia. — *Je voudrais acheter un billet.*

Involuntariamente, estremeço.

— Parece muito romântico — observo secamente.

— A senhora Brashear dizia que eu tinha o melhor sotaque da turma do primeiro ciclo. O Reese odiava isso, mas talvez apanhe o sotaque depois de lá passar o verão. Talvez alguns alunos possam ir em viagem a Paris no próximo ano, em Francês IV; portanto, tenho de continuar a praticar. Não seria incrível?

— Uau! A vila de Gracemont, no Ohio. A tomar conta de Paris. — Interrompo-me. — Tenho uma certa pena dos parisienses.

Ele ri-se, e eu também. Mas quando deixamos de nos rir, um silêncio inquietante impõe-se. Sem pensar muito nisso, viro-me para o outro lado e ponho-me a observar o quarto do Sal. Está tão arrumado que parece que ele não tem nada de seu. Mas há indícios da personalidade dele espalhados aqui e ali. Um anel de luz LED e maquilhagem a um canto. Um cabide para gravatas repleto de laços de cores vivas, a maioria ainda com as etiquetas. Uma grande secretária com uma cadeira giratória e um portátil, adornada com medalhas

académicas, troféus e um trabalho académico. Exibe as boas notas num quadro de cortiça, como se fosse ele o pai orgulhoso.

— Estou entusiasmado por ir para DC este verão — diz o Sal.
— Mas talvez esteja ainda mais entusiasmado com a experiência que terás em Boston. Ou por o Reese ir para a escola de *design* em Paris. Caramba, até pela ida do Heath para Daytona.

— Caramba?...

— Um jovem cavalheiro íntegro nunca pragueja.

Reviramos os olhos em simultâneo. Está a citar a mãe neste momento — já era mau aturá-la, mas assim que ele recebeu a chamada para o estágio de verão com o senador Wright, entrou em modo helicóptero.

Estende o braço e puxa-me para si, e uma vaga de tranquilidade inunda o meu corpo. O Sal nunca quer ser a concha maior, por isso saboreio cada momento.

— Falo a sério, sobre todos nós. Há anos que somos inseparáveis, mas... estamos um bocado limitados aqui, sabes? A mãe sempre me pressionou para fazer coisas assim. À procura de uma oportunidade, para me mostrar como é a vida fora de Gracemont. Até me abriu esta porta específica, ao ajudar-me a conseguir este estágio. Sei que posso continuar onde ela parou e fazer disto a minha vida. — Uma sombra enche o silêncio. — Temos de sair daqui.

— Para ti é fácil dizer — replico. — Sentes-te confortável nas grandes cidades, encaixas em qualquer lugar. Nada te assusta. — Não refiro que ele também tem dinheiro para fazer essas coisas, enquanto os meus pais tiveram de recorrer às poupanças a fim de eu ir para Boston. — porém, só pensar nisso já é difícil. Gostava de ter a tua confiança, percebes?

— Fizeste-o *na mesma*, Gabe. É preciso ser confiante e corajoso: para te candidatares, para dizeres aos teus pais, para te comprometeres com essa paixão maluca de salvar as árvores. Surgiu a oportunidade e tu disseste «sim». Isso é ser corajoso. Não deixes que a tua ansiedade ensombre tudo o que já conseguiste.

Solto um lento e longo suspiro enquanto ele me abraça com mais força.

— Estou sempre a pensar na quantidade de pessoas que tenho de impressionar, nas multidões com que terei de lidar. Vou odiar Boston, eu sei. A sério, em que «caramba» me fui meter?

Ele ri-se e depois murmura algo sobre eu ter a certeza de que me sairei lindamente. É tão casual na forma como me abraça, ainda agora. O seu corpo pegajoso está encostado ao meu, e ele nem sequer está a fazer nada, mas a sua intensidade irradia mesmo assim. É viciante... a sua energia, a sua confiança, a sua motivação.

Está sempre à procura de mais: melhores notas, mais medalhas para afixar por cima da secretária, mas, de alguma forma, sente-se tão satisfeito comigo como eu me sinto com ele. Não posso deixar de pensar que ambos merecemos mais do que apenas uma espécie de contentamento. Por isso, talvez seja bom passarmos o verão longe um do outro.

Abraça-me com força e eu inspiro o seu aroma. Ignoro a parte de mim que quer que ele nunca me largue.

Capítulo Dois

SAL

Não sei porquê, mas algo me atinge quando eu e o Gabriel saímos para o alpendre. Algo além da vaga de calor, quero dizer. Uma onda de saudade, talvez? De remorso? De *medo*? Mas sorrio e avanço. Esses sentimentos só servirão para me reter, por isso não posso dar-me ao luxo de pensar demasiado nisso.

Já estamos muito mais atrasados do que planeávamos. O Reese queria que chegássemos cedo à festa de despedida para ajudarmos a preparar as coisas, e se o Gabe não partir já, não teremos hipótese de nos arranjarmos, irmos buscar as provisões e chegarmos a casa do Reese a tempo. Mas algo o impede de ir.

— Então — diz ele. — Conhecendo a família do Reese, a festa de despedida vai durar a noite inteira. Tu tens cenas de família na quarta; eu tenho cenas de família na quinta.

— Na sexta, vamos passar os quatro juntos a noite inteira — continuo, entendendo o que ele diz.

— E partimos no sábado.

— Partimos no sábado — repito.

Ele muda desconfortavelmente de posição e a saudade volta a instalar-se no meu peito.

— O que significa que, de certa forma, não há mais nada para nós? — pergunta ele.

— Haverá sempre *algo* para nós. — Pisco-lhe o olho. — Mas sim, não vamos ficar a sós durante algum tempo.

A nossa amizade é, no mínimo, pouco convencional. Mas é um assunto sobre o qual conseguimos falar, ainda assim. Mesmo que a ansiedade do Gabriel se intrometa, às vezes, e faça com que lhe seja difícil expressar os pensamentos. Mas hoje é diferente. A conversa nunca pareceu tão seca. Ele nunca se mostrou tão reservado.

Estendo a mão para lhe tocar, e ele afasta-se no último segundo.

— Eu... não sei porque penso tanto nisso — diz ele. — Três meses é muito tempo, suponho. E temos finalmente a primeira oportunidade de sair com outras pessoas.

— E deste-te de súbito conta de que me amas.

Os nossos olhares encontram-se, mas é ele que desata a rir-se primeiro.

Eu sei que o amo. Não é *esse* tipo de amor. Mas também não é nada. Há algo ali, só que tudo à nossa volta avança muito depressa. Estou ocupado com tanta coisa, e a mãe sempre a respirar em cima do meu pescoço; é tudo difícil.

Mas isto não. Na verdade, mergulhar nos lábios dele é fácil.

— No entanto, vou sentir a falta disto — admito, com um ligeiro sorriso no rosto. — E se não voltarmos a curtir porque andamos por aí a apaixonarmo-nos *a sério* pelos nossos amigos cosmopolitas, então ainda bem para nós. Certo?

O silêncio após a minha pergunta está carregado de emoção. Sabíamos que havia uma data de validade para isto, mas não pensei que a fosse enfrentar tão cedo.

— Certo. — Ele fala num tom baixo, mas que não revela grande coisa. — E se isto for o fim para nós, quero só que saibas que gostei muito, Sal. Apesar de seres simplesmente *horrível* na cama.

Resfolego e finjo virar-lhe as costas, mas ele agarra-me o braço e vira-me para ele.

— Estava a brincar — diz. — Vou sentir mesmo a falta disto que temos os dois.

Com o Gabe, tenho sempre de ser o forte. O confiante. E *gosto* dessa dinâmica, de me sentir no comando, de assumir a liderança, mas neste momento não estou assim tão confiante.

Ele faz menção de partir, mas detém-se quando solto um gemido.

— Disseste alguma coisa?

Mordo os lábios.

— Não. Não é nada.

É claro que é alguma coisa. Estou stressado com a mudança para DC, com a nossa amizade, com os outros rapazes. Com os trezentos sermões da minha mãe sobre «estratégias universitárias», o último ontem à noite. Estou *assustado*. Quero dizer-lhe isso e preciso que ele me oiça. Mas não posso agarrar-me a esta dinâmica que temos. A este *seja o que for* em que andamos entretidos, de forma intermitente, há anos. Preciso de avançar, e ele também, e este verão é a altura perfeita.

Deve ter sentido a minha hesitação, pois volta ao alpendre e envolve-me num abraço. Afastamo-nos, apenas por breves instantes, e levo a minha boca à dele. Temos um milhão de regras tácitas para as nossas relações, sendo a mais óbvia que nunca curtimos em público. Mas ei-lo aqui, a morder-me o lábio e a empurrar a língua contra a minha. Beijamo-nos e beijamo-nos e beijamo-nos.

Mas nem por isso deixo de estar assustado.

• Golden boys •

GABRIEL + HEATH + REESE + SAL

Terra chama Sal

Terra chama Gabriel

De que adianta ter uma conversa de grupo
se ninguém me responde?

R

Eu respondo!!

H

Não envies mensagens enquanto conduzes

R

Estamos num sinal de stop
e tu vais no lugar do passageiro??

H

Cala-te e conduz.

R

Malta, quando tiverem acabado de fazer
seja lá o que for que estão... a fazer...

S, ainda podes ir buscar gelo?
E G, trazes as bolachas do teu pai, certo?
Não se atrasem 😞

R